

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

KARINA CRISTINE BORGES GOMES

**A QUESTÃO HISTÓRICA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA APLICADA NA SALA DE
AULA COMO MEIO DE RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE DAS CULTURAS**

**SÃO GONÇALO/RJ
2022**

QUESTÃO HISTÓRICA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA APLICADA NA SALA DE AULA COMO MEIO DE RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE DAS CULTURAS

Karina Cristina Borges Gomes¹
Janaina Neves Maciel²
Marcel Oliveira de Souza³
Viviane Grassi⁴

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido numa perspectiva de explicar acerca da relações entre a língua, a cultura e a sociedade, a questão da variação linguística aplicada em sala de aula do ensino fundamental. A começar daí apareceram sugestões atos reflexivos para uma melhor compreensão do discente acerca da variação linguística. Uma vez que, as questões que envolvem a variação linguística, indubitavelmente, intervêm nas inclusões em sala de aula e na qualidade de assimilação do saber, sobretudo, no que diz respeito ao ensino de língua materna. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi trazer uma reflexão e conscientização, como o fenômeno da variação linguística é abordado em salas de aula. Com chance de ajudar tanto o discente, quanto ao docente em seu exercício em sala de aula. Bem como foi preciso um estudo dos autores sobre a variação linguística no ambiente escolar e a sugestão inicialmente consistiria na assimilação do discente acerca desta temática por meio de propostas de procedimentos e táticas distintas para que possa acontecer de fato a aprendizagem. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, embasado nos principais autores publicados acerca da variação linguística. Mediante a pesquisa, verifica-se que se não houver um trabalho que privilegie o conhecimento das variedades linguísticas prevalece na escola um discurso autoritário com o tom de “certo” e “errado”. As variedades que se distanciam daquela considerada padrão são

¹ Graduada em Licenciatura em História no Centro Universitário UNIFACVEST – Juiz de Fora. Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História.

² Orientadora: Mestrado e Graduação em História Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.

³ Doutorado em Artes USP. Mestre em Música pela UDESC. Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História da UNIFACVEST

⁴ Doutora em Direito na Universidade Veiga Almeida. Mestre em Direito Universidade de Caxias do Sul, UCS. Graduada em Direito pela UNIPLAC.

estigmatizadas, predominando o tão falado preconceito linguístico, inclusive, entre falantes de uma mesma variedade.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Sociolinguística. Escola. Docente. Discente

ABSTRACT

The present work was developed in a perspective of elucidating reflections about the importance of linguistic variation applied in the Portuguese language classroom. Starting from there, there were suggestions for reflexive actions for a better understanding of the student about linguistic variation. Since, the issues involving linguistic variation, undoubtedly, intervene in the inclusions in the classroom and in the quality of knowledge assimilation, above all, with regard to the teaching of the mother tongue. In this sense, the objective of this study was to bring a reflection and awareness, as the phenomenon of linguistic variation is approached in classrooms. With a chance to help both the student and the teacher in their classroom exercise. As well as a study by the authors about linguistic variation in the school environment was necessary, and the suggestion initially consisted of assimilating the student about this theme through proposals for different procedures and tactics so that learning can actually happen. The research is characterized as bibliographical, based on the main authors published about linguistic variation. Through the research, it appears that if there is no work that favors the knowledge of linguistic varieties, an authoritarian discourse with the tone of "right" and "wrong" prevails at school. The varieties that deviate from that considered standard are stigmatized, with the so-called linguistic prejudice predominating, even among speakers of the same variety.

KEY WORDS: Linguistic variation. School. Teacher. Student.

1 INTRODUÇÃO

Ultimamente, considera-se a educação um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de uma nação. É através da produção de conhecimentos que um país cresce, aumentando sua renda e a qualidade de vida das pessoas.

Mesmo o Brasil tendo avançado neste campo nas últimas décadas, ainda há muito para ser feito. A escola (Ensino Fundamental e Médio) ou a universidade tornaram-se locais de grande importância para a ascensão social e muitas famílias tem investido muito neste setor (TEIXEIRA, 2012).

Infelizmente, a cidadania educacional brasileira está longe de ser um modelo, no instante em que se convive com milhões de crianças fora da escola ou presentes na escola, mas fora da idade apropriada, “há uma discrepância significativa entre o ‘discurso da inclusão’, que proclama o direito de todo cidadão à educação escolar, e a realidade prática, que continua a excluir muitos indivíduos do exercício da cidadania (GLORIA, 2002).

Dessa forma, considera a sala de aula o local onde as pessoas buscam adquirir aprendizados. E, por sua vez, torna-se bastante relevante compreender a sociolinguística e a questão das diferentes variações linguísticas que por sua vez são dispostas no aprendizado da sala de aula. Nessa conjuntura vem a necessidade de adequação do docente, onde este é o mensageiro do ensino.

Assim, o objetivo deste trabalho é trazer reflexões sobre, como o fenômeno sociolinguística e a questão das variações linguísticas são abordadas em salas de aula do ensino fundamental.

Sendo justamente o profissional de docência que vem colocar seu trabalho em prática, para garantir esse aprendizado do discente e assim ter uma melhor comunicação dentro da sala de aula e da própria sociedade onde está inserido por meio da sociolinguística, já que é riquíssima em variações linguísticas.

A escolha do tema justifica-se do necessário conhecimento sobre a importância da sociolinguística e a questão da variação linguística aplicada em sala de aula do Ensino Fundamental.

William Labov foi um dos principais autores a tratar da questão da variação linguística. Já em meados dos anos 60 do século XX, esse estudioso introduziu novas

discussões acerca da heterogeneidade da língua, o que, mais tarde, serviria de base para a sedimentação de outras características dessa disciplina, considerada um ramo da Linguística.

Na verdade, além da questão da variação, a Sociolinguística, de forma geral, também se preocupa com os temas relacionados ao preconceito linguístico, mobilidade e estigma social. Dessa forma, justifica-se este trabalho com base não só na obra de Labov, mas também na de outros autores que, a partir da obra laboviana, puderam reforçar os conceitos sociolinguísticos. Além disso, é muito importante refletir sobre a variação, especialmente na época atual, quando gramáticos e linguistas se posicionam em lados antagônicos, como se não houvesse o respaldo da História da Linguística (WEEDWOOD, 2002; LYONS, 2011) no sentido de que tanto o primeiro quanto o segundo grupo pertencem à mesma área do conhecimento, mas com concepções diversas.

Nesse cenário de preocupação dos estudos linguísticos, de modo geral, críticas intransigentes vêm sendo voltadas aos professores, mais designadamente aos de língua portuguesa, aos quais é confiada o encargo de lecionar leitura e escrita.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve histórico da Sociolinguística

Atualmente, é indubitável a imbricada relação entre linguagem e sociedade, de tal forma que é inconcebível tratar da primeira sem se reportar à segunda. Entretanto, é oportuno consignar que esse entendimento é relativamente novo, haja vista ser um posicionamento dos linguistas atuais, os quais conferiram à Linguística um cunho transdisciplinar.

Isso porque, cada pesquisador é produto do seu tempo, revelando as tendências e influências do seu meio social. Há dois momentos marcantes na história da constituição da Linguística, a saber: o século XVII (gramáticas gerais) e o século XIX (gramáticas comparadas).

O século XVII é marcado pelo racionalismo, ocasião em que os estudiosos procuraram evidenciar que as línguas obedecem a princípios lógicos. Com efeito, tinha-se em mente uma língua ideal, sem ambiguidades, capaz de assegurar a unidade de comunicação (MOSCOVICI, 2003).

A Sociolinguística surgiu da necessidade de um estudo que relacionasse língua e sujeito, tendo o Estruturalismo de Saussure e o Interativismo de Thomistic, ambos deixavam a fala de lado ou o desempenho no caso de Thomistic, porque havia a questão dos fatores extralinguísticos (todos os aspectos que envolvem todos os fatores sociais e contextuais). Então, para eles, no caso do estruturalismo, a fala, e o interativismo, o desempenho, onde ambos havia o fator extralinguístico, porque envolvia a motivação da fala, os interesses, questão emocional, sociocultural, e para eles não são essenciais esses aspectos para a descrição da língua como sistema e como ela é (SOUSA, 2009).

A Sociolinguística ganhou notabilidade a partir dos trabalhos apresentados por William Labov num Congresso na Universidade de Califórnia em 1964. E depois, todos esses trabalhos foram publicados na obra intitulada Sociolinguísticas em 1966. Nesta publicação, destaca-se o papel do falante na fala, o que era no caso na Linguística Estruturalista e Interativista, posta de lado, e nessa diversidade cultural, levando em consideração o sujeito na fala, que discorre bastante sobre identidade social do falante

do ouvinte no contexto social que influencia grandemente na produção da fala em si e no julgamento que o próprio falante faz do seu uso do conhecimento e do outro que o ouve também.

Um grande estudioso que deve ser destacado que teve seus trabalhos de grande influência para o desenvolvimento da Sociolinguística foi William Labov, sociolinguístico estadunidense que publicou vários trabalhos na área da Sociolinguística, e ele desenvolveu a Teoria Variacionista. Sendo aí que se mostra como os aspectos sociais como idade, sexo, ocupação, enfim, como esses fatores influenciam o sujeito na fala. Um trabalho de William Labov, no ano de 1963, mostra como o sexo, a idade, a ocupação, esses componentes influenciam no comportamento linguístico (MOSCOVICI, 2003).

Em outro estudo de 1962, William Labov, sintetiza o objeto da Sociolinguística como o estudo da língua falada em relação ao contexto social, partindo da comunidade linguística, entendida como o conjunto de indivíduos que, além de interagirem verbalmente, também compartilham um conjunto de normas relativas aos usos. Sendo destacado um grupo de New York em que ele fez um estudo, e que mostra que a diferença da pronúncia do “L” pós-vocálico, mostraria dependendo do jeito que se pronuncia que tal pessoa pertence a um baixo status social. Daí observa-se como essas variações refletem na fala, algo que antes era deixado de lado.

A importância de seu trabalho foi justamente os aspectos que eram deixados de lado, desconsiderados nas Teorias de inspiração estruturalista e interativista. Ainda há outra questão importante, na linguística, ao estudo da língua, no ponto de vista interno, que é a micro-linguística. Ela pode ser dividida em morfologia, sintaxe, fonética, fonologia e semântica. Também, tem a linguística estudada no ponto de vista externo, que é denominada a macro-linguística, esse estudo é a relação da linguística com outras áreas do conhecimento, como a psicolinguística, neurolinguística, sociolinguística, dentre outras.

Assim, a Sociolinguística entra na macro-linguística, exatamente por trabalhar a linguística juntamente com as ciências sociais, da questão do homem, da cultura, de como tudo isso vai influenciar na fala em si. Então, o objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada, que é utilizada em situações reais. E aqui, o ponto principal é descrição e análise da língua em situações no dia a dia, como ela ocorre de verdade.

Um tema bastante utilizado pelos sociolinguísticos é a comunidade linguística, e essa não se restringe a um espaço geográfico determinado. Ela quer dizer a comunidade de um grupo com características semelhantes de tal pronúncia, ou de léxico que tem vários aspectos que podem ser abordados nessa variedade linguística (SOUSA, 2009).

No Brasil, os linguísticos que tiveram destaque na área da sociolinguística são: Luiz Antônio Marcuschi, Jeane Pretti e Marcos Bagno (escritor do livro “A língua de Eulália”).

A sociolinguística tem vários fatores e aspectos trazidos pela teoria de William Labov, da Teoria Variacionista, que desta resultam as variedades linguísticas, são aspectos da língua que podem ser descritos através de variações conforme a região, idade, sexo, várias categorias.

2.20 contexto da variação linguística

A variação linguística é capacidade que a língua tem de se transformar e se adaptar de acordo com alguns componentes. Esses componentes são: História (o tempo em que essa língua é usada); Social (os grupos sociais em que essa língua é utilizada); Regional (em relação a região onde ela é falada); Estilo (a situação de uso dessa língua, formal, informal, norma padrão ou não padrão).

A variação linguística cronológica de acontecimentos é a maneira como uma língua foi evoluindo de acordo com o tempo. A língua portuguesa a muito tempo é falada no Brasil, que por volta de 1500, quando os portugueses chegaram e começou a misturar com a língua indígena, africana, dos escravos que aqui estavam e essa língua transformou o português brasileiro e foi se transformando. Um exemplo a ser citado é a palavra Vossa Mercê, que se transformou em Vosmecê e atualmente é Você. Sendo uma variação linguística histórica.

A outra variação linguística que se tem é a regional, tem a ver com as palavras distintas faladas em regiões diferentes que significam a mesma coisa. Por exemplo, a palavra aipim, em outras regiões é chamada de mandioca em outras é chamada de macaxeira e assim por diante. Nessa variação regional adentra também a parte de variação de fonética.

A variação linguística social é relacionada com os grupos sociais. Até mesmo com a relação de idade, dos mais velhos com os mais jovens. Com relação a sexo, o masculino e o feminino, a linguagem das mulheres é diferente da linguagem dos homens. Essa variação também tem a ver com classe social, as classes A, B e C possuem diferenças em suas linguagens, porque tem a ver com o tipo de contato com a cultura que se tem. Também se adentra os grupos sociais, por exemplo, as gírias.

A variação linguística de estilo, tem a ver com a situação de uso da língua, podendo ser formal e informal, padrão e não padrão, coloquial e culta. Na variação de estilo tem muito a ver com o que é adequado e o que não é adequado.

Trazendo para o contexto escolar, a variação linguística deixou de ser vista como uma transmissão única e exclusiva de uma norma padrão antiquada e defasada, juntamente com outras áreas de pesquisa, todo esse movimento de uma postura diante de uma nova linguagem vem contribuindo para uma nova reformulação do ensino de língua.

Mas, infelizmente a abordagem da variação linguística no ensino possui alguns problemas de natureza teórica. Numa tentativa de simplificar, didatizar o fenômeno da variação, as pessoas, autores de livros didáticos vem cometendo alguns equívocos.

Entre esses equívocos, são:

- Há a sinonímia de culto e padrão. A norma culta e a norma padrão não são a mesma coisa;
- A desconsideração da variação estilística. Cada falante da língua varia a sua atividade linguística de acordo com um eixo de monitoramento. Existe a variação social e a variação individual, a chamada variação estilística;
- Classificar o padrão linguístico numa variedade. Uma variação linguística é uma forma real utilizada pelas pessoas. O padrão não é uma variedade linguística, pois ninguém fala de acordo com o padrão linguístico;
- O tratamento da variação linguística como se fosse algo apenas de pessoas do meio rural, caipira. Existe a variação linguística na fala de pessoas urbanas, cultas, letradas, existe em todas as camadas da sociedade e em todos os lugares;
- A escrita como ideal. Fala-se de variação linguística para depois argumentar que o ideal é aquilo que está na escrita consagrada na literatura;

- A ideia que apenas o padrão possui regras. Uma vez que regra é qualquer artifício que faça a língua funcionar;
- O passar para a norma culta. Como se fosse abordar a variação linguística para apenas depois colocar em pauta que o que vale mesmo é a norma culta, que na verdade é norma padrão.

Toda língua é um feixe de variedades.

2.3A variação linguística em seu contexto escolar

A variação linguística trata-se da diversificação dos sistemas de uma língua em se tratando das probabilidades de modificação de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe) (BATISTA, 2017).

A princípio, em relação a sobre Variação Linguística, torna-se imprescindível compreender acerca do estudo da variedade e variação da linguagem em relação à estrutura social das comunidades: a essa ciência damos o nome de Sociolinguística. Onde toda e qualquer língua humana apresenta variação (BERENBLUM, 2014).

Essa ciência veio da Linguística, a matéria que estuda cientificamente a linguagem. Assim, pode-se sintetizar do seguinte modo: o objeto de estudo da Linguística é a língua falada no contexto social, isto é, no seu uso real.

Nessa conjuntura, embasando essa ideia com Antunes (2014, pág. 35) diz:

Quando falamos em variação linguística, analisamos os diferentes modos em que é possível expressar-se em uma língua, levando-se em conta a escolha de palavras, a construção do enunciado e até o tom da fala. A língua é a nossa expressão básica, e, por isso, ela muda de acordo com a cultura, a região, a época, o contexto, as experiências e as necessidades do indivíduo e do grupo que se expressa. Veja quantos fatores empregamos para adequar a nossa fala à situação e ao grupo em que nos encontramos.

A língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes. Pelo contrário, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o processo em si nunca pára. Ou seja, a mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica, embora apresente considerável regularidade.

Mediante isso, até hoje os docentes não sabem muito bem como se portar perante os denominados “erros da língua portuguesa. E, estes ficam em confusões se é para corrigir os alunos em todos os casos, ou se há casos em que não é preciso a correção.

Portanto, o tratamento que é dado ao fenômeno da variação linguística em sala de aula, em suas diversas maneiras de falar do aluno, determina muitos pensamentos por parte de todos os integrantes responsáveis pelo educandário, sobretudo dos professores de língua materna.

Ao citar que a heterogeneidade da língua faz dela um alvo de encontro entre a sociedade atual e os seus antepassados. Ela possui analogia direta com a sua história, pois está dentro da memória coletiva.

Estudos de autores renomeados como Antunes (2014), instigam ao conhecimento de que uma língua, ao momento em que é aprovada e dispõe o relacionamento na sociedade, não pode ser avaliada homogênea. Nesse sentido, Lopes (2015) avulta que as variações podem estar pautadas às classes sociais, ao ambiente físico que o falante se mantém, ao grupo profissional a que pertence, ao seu sexo, à modalidade de linguagem que emprega para se manifestar e à circunstância do entrosamento a que está inserido e que estas variações podem ser notadas em um mesmo povo.

Mediante essa ideologia, a escola precisa ter como ponto de partida as variedades linguísticas empregadas pelos alunos, tendo em consideração os contextos sociais em que estão inseridos; necessitava avaliar que essas distintas multiplicidades possui uma existência exterior (ou anterior) aos sujeitos e aos artifícios históricos, sociais e políticos, à identidade e à cultura que a linguagem veicula, logo, esses itens mencionados precisa ser estimado e reverenciado.

E desse modo, um dos problemas do ensino de língua materna seria pelo menos, sendo abrandado, pois a questão da variação linguística é, sem dúvida, um dos fatores mais relevantes que intervêm nas inclusões em sala de aula e na qualidade de assimilação do aprendizado (BERENBLUM, 2014).

2.4A variação linguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais possuem um norte acerca da colocação no aprendizado sobre a variação linguística. Uma vez que, essas diretrizes soam como uma espécie de síntese em torno da produção científica sobre questões que envolvem o ensino e aprendizagem da língua nas últimas três décadas antes de sua publicação (ANTUNES, 2014).

E uma das inovações apresentadas pelos PCNs é que as percepções teóricas subjacentes ao documento já beneficia a proporção interacional e discursiva da língua como uma das propensões para a completa performance do indivíduo na sociedade.

De acordo com Soares (2016, Pág. 52):

Muitos estudos acerca do ensino de língua portuguesa, especialmente nas escolas públicas, têm revelado a necessidade de reorientação da prática pedagógica em virtude dos resultados do insucesso escolar manifestada pelas dificuldades de leitura que provocam certas barreiras na aprendizagem de outras disciplinas, pelas dificuldades de interpretação, da produção escrita dos alunos e das manifestações orais que exigem a utilização de um estilo mais monitorado de linguagem. Acrescente-se a isso as altas taxas de repetência e evasão assinalando que os que entram na escola ou não aprendem ou não conseguem permanecer. Tudo isso tem ainda uma consequência mais grave; a de provocar nos alunos a crença de que são linguisticamente incapazes e, portanto, não podem participar ativamente das decisões da sociedade.

Portanto, muitos estudos tem-se voltado para considerações que almejam causar uma alteração desse método a partir do entendimento de que o mais relevante não é obter uma língua contendo conceitos e classificações, mas, granjear suas desenvolturas de emprego em circunstâncias concretas de convívio entre as pessoas, entender e constituir enunciados orais e escritos.

Os pressupostos contidos nos PCNs assinalam que o educando é visto como um ser social e que, precisa, portanto, ser capaz de posicionar-se diante das diferentes situações de interação social, considerando o papel fundamental que tem a linguagem na constituição dos processos de interlocução que o indivíduo vivencia, os quais a escola tem a função de ampliar. Nessa perspectiva, o domínio da língua é considerado uma das condições para a participação do indivíduo na sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem a importância da participação do aluno na construção do conhecimento e a necessidade de intervenção do professor nesse processo. Nesse documento, a noção de conhecimento não é abordada como produto acabado, mas em sua dimensão de complexidade e provisoriade. Dessa forma, um dos principais objetivos educacionais é o desenvolvimento da capacidade do aluno, enquanto um processo em que os conteúdos curriculares devem atuar não como fins em si mesmos, mas como meios para que os alunos possam adquirir essas capacidades, de modo que professor e aluno possam ser sujeitos (VISIOLI, 2014).

Nesse aspecto, o ensino e aprendizagem da língua devem proporcionar ao aluno autonomia no uso da linguagem sem prendê-lo a estudo de orações e frases desconexas que não dão conta da realidade da língua. Portanto, como assinala Geraldi (2002), o que é preciso é saber usar a língua, dominar suas habilidades em situações concretas de interação, isto é, ampliar as formas de interação através da linguagem.

Partindo dessas concepções os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa propõe a organização dos conteúdos dessa disciplina em função do eixo USO-REFLEXÃO-USO, o que significa que o ensino de língua deve partir e ter como objetivo a produção e a compreensão dos discursos sejam eles orais ou escritos. Nessa perspectiva, a língua é considerada um sistema de signos histórico e social, através do qual o homem pode reinterpretar o mundo e a realidade. Essa concepção corrobora com a Sociolinguística que considera a variação da língua no tempo e no espaço.

Diante desse percurso percebemos que são muitos os esforços empreendidos, tanto pelas ações das instituições governamentais, quanto por aqueles que se preocupam com uma reorientação no ensino de língua, a favor de uma escola mais formadora e mais eficiente. Apesar desses esforços, ainda é necessário um maior empenho da escola por um ensino de língua cada vez mais efetivo, atuante e contextualmente significativo. Torna-se um ato de cidadania aceitar o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua, que apesar das mudanças já empreendidas, ainda não supõe uma escola capaz de formar leitores, nem pessoas capazes de expressar-se de forma coerente e relevante.

Em síntese, a produção e divulgação dos PCNs pode ser considerada uma das mais relevantes ações implementadas nos últimos anos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa utiliza-se do método científico, para descobrir respostas aos problemas mediante o emprego de procedimentos metodológicos. A pesquisa científica é resultado do ser humano diante dos problemas ou inquietações que o envolvem. Para desmistificação dessas lacunas, o pesquisador utiliza-se de métodos científicos, constituídos por um conjunto de processos sistematicamente desenvolvidos para aumentar a probabilidade de obter as soluções pretendidas (GIL, 2002).

A escolha do tipo de pesquisa é fundamental para o desenvolvimento do trabalho científico. O trabalho se constitui como uma pesquisa bibliográfica acerca do tema escolhido.

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, na qual foram utilizadas as bases de dados online SciELO e Livros desta temática.

Assim inicialmente foi realizada uma busca sobre a importância da variação linguística aplicada em sala de aula de língua portuguesa, vivenciados na área da Educação, através de revisões de literaturas sobre o tema.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A palavra língua é um substantivo coletivo, por trás do rótulo unificado dessa palavra se tem uma multidão de coisas, que são as variedades da língua.

A heterogeneidade é a marca registrada da natureza das línguas humanas. Não existe nenhuma língua que seja falada exatamente do mesmo modo por todas as pessoas o tempo inteiro.

O reconhecimento da variação linguística obriga a quem vai ensinar a ter uma visão mais honesta da língua. Uma vez que a língua não é aquele bloco fechado da norma padrão tradicional, não é somente a escrita literal do passado. E quanto mais possível for de levar essa multiplicidade para a sala de aula, que é cada língua melhor será. Terá uma relação mais honesta com o fenômeno linguístico. E que não vai haver

a separação da língua que está na escola, que vai ser o objeto do ensino, com a língua que existe na sociedade.

5. CONCLUSÃO

De acordo com o referido trabalho de conclusão de curso, foi feita uma análise acerca da sociolinguística e a questão da variação linguística aplicada em sala de aula do ensino fundamental.

Desde a Constituição Federal (1988), o português é a língua oficial e majoritária. Antes, era oficial e nacional. Isso significa um avanço democrático, rumo à inclusão de outras línguas.

E toda língua é um conjugado heterogêneo e diversificado pois as sociedades humanas possuem experiências históricas, sociais, culturais e políticas distintas e essas experiências se refletirão no comportamento lingüístico de seus membros.

Portanto, a variação linguística, é essencial a toda e qualquer língua viva do universo. Quer dizer que as línguas modificam com o tempo, nos espaços geográfico e social e ainda mediante a circunstância em que o falante se depara.

A escola cumpre um de seus papéis sociais, o da socialização, uma vez que os alunos relatam a importância dos amigos e das relações que ali se instalam, porém, no que se refere ao ofício “ensinar”, suas expectativas ainda são baixas. O que pudemos registrar é que a estrutura escolar vivenciada por esses estudantes os incomoda, e que se sentem mais excluídos do que mesmo acompanhados.

Nesse sentido, no contexto escolar é preciso que o profissional tenha base e condições para fazer o uso do emprego da variação linguística em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (Orgs) Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB Editora. p. 27-38. 1998.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 103-105.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Aula de português: discurso e saberes escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BERENBLUM, A. **A invenção da palavra oficial: identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2014.

GLORIA, Dília Maria A. **Direito à educação escolar: O discurso da inclusão x a prática da exclusão**. Educar em Revista, (20), 209-222. Acessado em: 26 de Março de 2022. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2107/1759>

LOPES, Iveuta de Abreu. **Variação lingüística e ensino de língua portuguesa: alguns pressupostos básicos**. In: COSTA, Catarina de Sena S. M. (Org.). *Lingüística e ensino de Língua Portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica*. Teresina: EDUFPI, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003a.

SOARES. **Linguagem e escola – uma perspectiva social**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2016, p. 49.

Sociedade Brasileira de História da Educação. **Educação no Brasil**. 2014. Editora: Autores Associados. Temas: Pedagogia. Acessado em: 26 de Janeiro de 2022. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/educacaobrasil/>

SOUSA, Clarilza P. de; TAVARES, Marialva R.; VILLAS BÔAS, Lucia. S. Apresentação do estudo: representações sociais sobre o trabalho docente. In: SOUZA, Clarilza. P.de; PARDAL, Luis A.; VILLAS BÔAS, Lúcia S. (Orgs.). **Representações Sociais sobre o trabalho docente**. Aveiro: universidade de Aveiro, 2009, p. 15-30.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2014. Editora: UFRJ Editora. Temas: Pedagogia, Educação Brasileira. Acessado em: 25 de Janeiro de 2022. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/educacaobrasil/>

VISSIOLI, Ângela Cristina Calciolari. **Política de ensino de língua portuguesa e prática docente**. 2014. Acessado em: 30 de Janeiro de 2022. Disponível em <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/accvisioli.pdf>.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.